

A Psicanálise Líquida¹

Um extrato
A. Claudete A. L. Prado

Miller inicia esta aula falando sobre a psicanálise, focando a sua posição imanente, no interior da psicanálise, lugar de onde fala o psicanalista, ali imerso, *mergulhado na psicanálise como em um líquido*, imagem proveniente da concepção de psicanálise atual, que se tornou 'líquida'. Miller aproveita a metáfora utilizada pelo sociólogo Bauman para a civilização de hoje, caracterizada por ele como 'civilização Líquida'. A palavra 'líquida' retrataria a realidade atual: marcada pela mobilidade dos ideais, pela fluidez dos limites e fronteiras, efeitos da globalização implicada nos fenômenos de comunicação, na unificação da informação que reflete na desestruturação.

A partir daí, Miller observa que a psicanálise também se desestruturou. A psicanálise do tempo da estrutura, a psicanálise sólida, assume hoje outra forma, tornou-se líquida, e não poderia ser diferente, pois a palavra que se apresenta na clínica atual tem esse formato, fluido, líquido. Ele se apóia na imagem de psicanálise sólida *versus* psicanálise líquida, para desenvolver a metáfora da psicanálise líquida tomando a imagem do fluido cuja característica está na condição de ser *o que qualifica um corpo que se deforma sob a ação de forças mínimas*.

A psicanálise nodal, presente no último e ultimíssimo Lacan, fala das deformações que o puxar de barbantes produz em algumas figuras, alterando a sua forma, os seus aspectos. Esse fato leva Miller a formular a seguinte questão: sendo os aspectos diferentes, tratar-se ia do mesmo nó? Responde claramente que sim, o nó é o mesmo. A tônica está na distinção entre 'estrutura' e 'aspectos'. Os atributos (multiplicidade de aspectos do nó) variam, mas a essência (o nó, a estrutura) é a mesma. O nó independe do seu aspecto – a figura deformada conserva o mesmo nó, pela relação de equivalência (NR: Lacan demonstra isso no Seminário XXIII, Zahar, p. 96). Então, Miller formula que, enquanto a *estrutura nodal aponta para o sólido*, a multiplicidade aponta para a liquidez; e conclui lembrando que, assim como o nó, para Lacan, é a referência da psicanálise sólida, a psicanálise líquida continua mantendo o nó como sua referência.

Miller destaca que o âmago da psicanálise líquida está na palavra – *é a palavra que é líquida* – a palavra livre, fora do eixo da comunicação, da linguagem, da significação. A palavra fluida, em oposição ao sólido, inapreensível, que escapa à estrutura, ao sentido. A psicanálise líquida é traçada pela palavra líquida, palavra cujo estatuto é dado por Lacan em seu ultimíssimo ensino, já no Seminário XX, Mais ainda, momento em que define a palavra como sendo um fluido lingüístico, uma secreção. A *alíngua*, assim concebida, viria abalar a psicanálise sólida, estrutural. Nesta, o enigma está no sentido, enquanto que, na psicanálise líquida o enigma está nos afetos, naquilo que afeta o corpo – os acontecimentos de corpo.

Prosseguindo, Miller fala da qualidade de liquidez da *alíngua*, distanciada da estrutura, o que leva Lacan a ressaltar o seu necessário afastamento em relação à linguagem, culminando por fazê-lo avançar da Lingüística para a Topologia.

Acrescenta ainda que os efeitos da *alíngua* ultrapassam em muito os enunciados da fala e da decifração do analista – eles tocam os acontecimentos de corpo, os *acontecimentos de gozo*.

No que diz respeito à clínica, enfatiza a *distância que existe entre a clínica-acontecimento da clínica-estrutura*. Retoma as figuras de barbante para mostrar a necessidade de se privilegiar o corte e evitar a decifração da psicanálise sólida (metaforizada pelo ato de puxar os barbantes) que muda apenas os aspectos envolvidos nas formações do inconsciente. O corte, como o ato cirúrgico no círculo de barbante, é única maneira possível de mudar o nó, de produzir acontecimentos que tocam os acontecimentos de gozo.

Finalizando as suas ponderações, Miller sugere que a sessão curta, proposta por Lacan em seu primeiro ensino, possa vir a ser *a sessão da era da psicanálise líquida*, acentuando que ela não está do lado das formações do inconsciente, mas sim dos acontecimentos de gozo.

¹ Miller, J-Alain. Seminário da Orientação Lacaniana (2007/2008), Aula XI, de 12 de março de 2008.